



Corpo e Subjetividade
estudos contemporâneos

WILTON GARCIA
(org.)

© Wilton Garcia (org.), 2006

1ª edição

Revisão: Marcos Antônio Alves e Rosana Rosa

Projeto Editorial: Wilton Garcia

Diagramação: Tarlei E. de Oliveira

Capa: Wilton Garcia e Tarlei E. de Oliveira

Criação de imagem de capa: Marcelo R. Azevedo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Garcia, Wilton

Corpo e subjetividade – estudos contemporâneos / Wilton Garcia,
(organizador). – São Paulo: Factash Editora, 2006.

Vários autores.

16 x 23 cm, 241 pgs.

ISBN 85-89909-32-8

Bibliografia

1. Arte. 2. Comunicação. 3. Corpo. 4. Subjetividade. 5. Estudos contemporâneos.

CDU 7.01:613.885

CDD 303.4833

A reprodução não autorizada desta publicação, total ou em parte,
constitui violação do *copyright* (Lei 5.988)

Todos os direitos reservados à

Factash Editora

Rua Costa, 35 – Consolação

Cep 01304-010 – São Paulo-SP –

(11) 3259-1915

factash@terra.com.br

SUMÁRIO

Apresentação	7
--------------------	---

Subjetividade da Carne

Corpo, design e subjetividade: a tatuagem como poética visual <i>WILTON GARCIA</i>	13
DNA, bytes e código de barras: um novo homem? <i>NÍZIA VILLAÇA</i>	26
A política social em <i>Cidade de Deus</i> : impressões subjetivas <i>ROSANA ROSA</i>	36
O corpo na saúde: uma introdução <i>ERNANE ALMEIDA</i>	46

Paradoxos da Aparência

Mapas do corpo, territórios de identidade <i>MANOEL FERNANDES DE SOUSA NETO</i>	57
Diferença e identidade: o jogo perverso da in(ex)clusão social <i>URBANO NOJOSA</i>	67
Corpo Re-Construção – aAção, ritual, performance <i>FERNANDA MAGALHÃES</i>	76
Interrelações da mídia, do design do corpo e do design da moda <i>KATHIA CASTILHO</i>	86
O corpo editado e a carne impura <i>PAULA SIBILIA</i>	97
Corpos expandidos em viagem <i>LUCIO AGRA E ROSANE PRECIOSA</i>	108

Efeitos visuais/identitários

Narrativas cyborgueanas: corpo, tecnologia e ativismo social <i>RICK J. SANTOS</i>	123
Performance e transformismo: quando a ideal, a bela e a real (jamais) se encontram ... <i>FERNANDO PASSOS</i>	133
Despindo os códigos: gênero, relativismo cultural e o corpo nu <i>FLORENCE DEE BOODAKIAN</i>	140
O corpo que ousa dizer o seu nome: homoerotismo e caricatura no século XIX <i>ROBERT HOWES</i>	150
O condicional e o presente nos traços femininos das histórias em quadrinhos: a subjetividade do corpo idealizado <i>SONIA M. BIBE LUYTEN</i>	159
Corpo imaginado e construído: a recriação do humano na ciência e no jornalismo da segunda metade do século XIX <i>RICARDO ALEXINO FERREIRA</i>	169

Territórios e Mediações

Vôo cego III: considerações sobre o ver em duplos <i>DANIELA KUTSCHAT HANNIS</i>	181
A subjetividade nos processos co-evolutivos de comunicação entre corpos biológicos e corpos tecnológicos evolutivos <i>RACHEL ZUANON</i>	190
Computadores vestíveis: recompondo domínios e espacialidades corpóreas <i>LUISA PARAGUAI DONATI</i>	200
Elementos iniciais para o antropomorfismo do projeto e do design <i>CAIO ADORNO VASSÃO</i>	211
Corpo, espaço e criação: poéticas e vivências contemporâneas do espaço <i>CLAUDIA MARINHO</i>	223
Sobre os autores	237

VÔO CEGO III: CONSIDERAÇÕES SOBRE O VER EM DUPLOS

DANIELA KUTSCHAT HANNS

PRIMEIRAS LEMBRANÇAS

Sendo estrábica de nascença, ainda pequena fui submetida a testes e a exercícios em clínicas oftalmológicas, até atingir a idade e maturidade para uma cirurgia de correção. Com a falta de coordenação entre os olhos, no estrabismo, os olhos apontam em direções diferentes, o que os impedem de convergir e focar um mesmo ponto simultaneamente.

Em muitos casos de estrabismo congênito, o cérebro se adapta a essa condição e aprende a ignorar e descartar a informação advinda de um dos olhos, reduzindo a possibilidade de visão binocular e a estereopsia. Se não detectada a tempo, esse descarte pode resultar em perda da visão de um dos olhos – ambliopia.

MEMÓRIAS DE UMA VISÃO DISTORCIDA

Como nasci estrábica em ambas as vistas, via o mundo em duplos a partir de dois eixos horizontais de visão não alinhados (no olho esquerdo havia um desvio descendente para a esquerda e no direito um desvio ascendente para a direita). Desta forma, objetos e pessoas, assim como distâncias e proximidades de elementos circundantes, muitas vezes, resultavam em visadas que denotavam fendas no campo visual, justamente na região localizada entre os olhos.

Ao focar um objeto e seu fundo, brincava com os olhos, abria um e fechava o outro alternadamente, de maneira que o objeto se revelava sob dois pontos de vista e eixos bastante distintos. Se o fizesse rapidamente, o efeito era o de desdobramento no espaço, como se o objeto migrasse de um canto e eixo para outros, em uma telecinesia ocular.

Nesses momentos as fendas se apresentavam. Em outros, quando mantinha os olhos abertos por muito tempo forçando os músculos dos olhos, conseguia convergir os olhos até atingir uma sobreposição de áreas e uma deformação de objetos e ambientes: a fusão dos objetos em uma visão única e espacializada

desdobrada em ângulos duplos, um efeito de constante deformação, algo que nos estudos sobre distúrbios de visão é chamado de imagens-fantasma.

No processo de construção de uma identidade corporal (dos limites do corpo, do dentro – fora, do eu – outro), o olhar e desvendar forjou-se em uma multiplicidade que apresentava certa inconsistência em relação a um entorno: campos mutantes que se revelavam em ângulos e perspectivas radicalmente distintos. Esses duplos, compostos de luzes, formas, objetos e seres em transformação não eram confiáveis pela divergência e, para melhor me adequar a eles. Portanto ao mundo, era necessária uma estratégia: a do descarte. Descartar uma das vistas, anulá-la.

No caso de um estrabismo monocular a escolha seria simples, o olho que correspondesse ao desejo do a ser visto seria aquele a ser preservado, mas neste caso, não sabia qual dos duplos deveria descartar. No entanto, se de um lado já pequena experimentava os conceitos de visão e de disparidade binocular não-estereotípica, de outro, deslocar-me no mundo desta forma provocava náuseas e desconforto na região frontal da cabeça.

Cresci com a noção de que o meu diferencial sensível tinha sítio: exatamente na região do entre-olhos e provocava dor. As relações construídas a partir deste diferencial produziram uma visão de mundo intransferível, dolorosa e única. Sem parâmetros sobre a deformidade de minha visão, estas experiências se impregnaram em um substrato que consolidaria-se como memória remota da infância.

Já com quatro – cinco anos, comecei a perceber que pais e parentes se esforçavam em tratar-me como as outras crianças, evitando demonstrar que não sabiam de fato para onde eu estava olhando. Mesmo no caso de certa predileção de parte de uma das avós, o esforço em tratar-me como igual fazia ecoar um subtexto silencioso: - que criança doce, que alegre... mas coitada, mas que pena... Esse saber sem saber ou sabendo um pouco que era portadora de uma deformidade visual, visto que me via no espelho, me impunha certa fragilidade. Ao mesmo tempo, havia um recurso de valorização da diferença. Afinal, ninguém via o mundo que eu via.

O maior impacto foi no início do jardim de infância. No contato com outras crianças, ao olhar e falar com elas, me perguntavam se eu estava falando com elas ou com outras, próximas a elas. Esse olhar não fixo e em constante movimento me impedia de estabelecer o contato ocular direto com meu interlocutor. O não conseguir estabelecer contato através dos olhos, um procedimento cultural milenar de aproximação, afetou-me consideravelmente, de maneira a compor-se como uma emoção codificada numa imagem de vulnerabilidade – visão interior de fracasso no contato com o outro.

Alterada por emoções e por sentimentos fortes, minha visão foi sendo construída pela justaposição de percepção e sensação. Isso gerou distorções cognitivas que provavelmente não diferem de processos de outras criaturas emocionais, nas quais o reconhecimento visual e o emocional são incongruentes.

Nesse ponto, provavelmente minha visão ficou mais marcada pelas emoções experimentadas do que pelo aparente revelado a partir do estrabismo. Fato é que, embora pequena, não confiava muito na visão. Mesmo assim, o ato de ver, enxergar, mirar e brincar com os olhos, luzes, cores, texturas e as formas dinâmicas me instigavam. Muito da minha escolha profissional se deve a essa experiência, pois já estava determinada, naquela idade, a não perpetuar certas imagens impregnadas, a não ser um fracasso e a reagir, valorizar a diferença e convocá-la a meu favor, transformá-la em um potencial, explorá-la, lapidá-la.

EXPERIMENTOS REMOTOS

No mesmo período, fazia testes e exercícios constantes com os olhos. No teste da percepção simultânea, por exemplo, duas imagens distintas eram apresentadas a cada olho: a imagem de um cachorro ao olho esquerdo e a de uma casinha de cachorro ao olho direito. Apesar de ver ambas imagens, inclusive alternadamente, nunca via o cão dentro da casinha – um parâmetro que havia sido estabelecido como indício de melhora e eventual término da terapia.

Outro exercício, no qual era mais bem-sucedida, consistia em apresentar duas imagens parecidas um pouco diferentes entre si, como, por exemplo, a de um vaso com uma flor e folhagens. Um dos vasos tinha as folhagens do lado esquerdo e o outro do lado direito. A preponderância de elementos comuns nas imagens apresentadas a cada olho fazia com que houvesse uma superposição das imagens, uma fusão de forma a percebê-lo como único. Ao deslocar uma das imagens, os olhos se moviam buscando ajustar-se ao deslocamento (e mantê-las centradas nas duas foveas). Testava-se, desta forma, a capacidade e amplitude de fusão, dependendo esta segunda, da natureza do estímulo e da riqueza de elementos centrais e periféricos que, em um ambiente não controlado, podem exigir uma resposta binocular mais ou menos sofisticada.

Um outro conjunto de exercícios girava em torno da estereopsia (capacidade de visualização da tridimensionalidade). Normalmente, eram realizadas com estereogramas, duas imagens do mesmo objeto sob ângulos diferenciados, análogos às distâncias e ângulos vistos por cada um dos olhos, que propiciam a visão em profundidade e tridimensional.

Ainda, uma outra variante era realizada com canetas cujo objetivo era fazer coincidir, através de movimento, a ponta de uma caneta que segurava na

mão, com a ponta de outra, localizada num ponto mais distante e fixo que visualizava em paralelo.

Durante esse período, minha expectativa era de que os músculos dos olhos se fortalecessem e que convergissem a um objeto comum. Mesmo assim, na maioria das vezes, quando conseguia fixá-lo com um olho, o segundo migrava para outro ponto.

RIVALIDADE BINOCULAR

A visão se tornou um tema de interesse para mim, já naquela época. Em um percurso ainda nada sistematizado, comecei a explorar:

- a) imagens que se formam quando os olhos estão fechados: poeiras, partículas e pontos que migram transformando-se em formas e cores;
- b) relações entre tamanhos, distâncias e cores de objetos a partir de um ou mais pontos de vista fixos;
- c) brilhos, contornos, reflexos e texturas;
- d) luzes e sombras, claro-escuros;
- e) relações de cor, brilhos, rastros em objetos dinâmicos e em movimento;
- f) perspectivas dinâmicas.

Também imaginava como outros seres viam cores, contornos, dimensões. O que via e processava essas informações. Observava aves, peixes e coelhos e criava teorias sobre as relações entre estímulos vistos por um só olho destes animais e reflexos de fuga, agilidade e rapidez.

A fusão de duas imagens projetadas nos olhos esquerdo e direito ocorre quando ambas imagens são relativamente parecidas. Cérebro e sistema visual evoluíram para antecipar, prever e processar estímulos correlatos em cada olho. No entanto, quando as duas imagens na retina são muito diferentes e díspares, ocorre um fenômeno denominado rivalidade binocular. Os efeitos perceptivos da visão dupla resultantes da rivalidade binocular são focos de estudos cognitivos, que visam explorar formas e procedimentos de processamento do sistema visual.

Processos neurofisiológicos presentes em fenômenos de rivalidade binocular encontram tangência em estudos de estrabismo. Na rivalidade binocular, muitas vezes as imagens se fundem gerando uma imagem difusa, composta e efêmera. Em outros casos, há uma dominância da imagem projetada por um olho que pode causar uma aparente supressão da segunda imagem projetada. Em casos mais raros, a dominância pode flutuar e variar de um olho para outro (SCHIFFMAN, 2001, p. 237-239).

Uma das controvérsias associadas à rivalidade binocular se refere ao local ou região do sistema visual na qual a rivalidade é mediada e solucionada. Duas questões centrais que se colocam são:

- a) se a mediação é periférica, ou seja, se ela ocorre em consequência da supressão da visão monocular de um olho;
- b) se a dominância momentânea perceptiva de um olho sobre o outro é fruto de processamentos cognitivos que envolvem mecanismos cerebrais mais complexos, os quais visam resolver uma ambigüidade visual e construir um significado a partir de estímulos monoculares conflitantes.

Uma questão análoga sobre o fenômeno da estereopsia é colocada a partir de dois pressupostos opostos. A primeira hipótese sugere que há dois sistemas de análise de formas independentes, um para cada olho e que a estereopsia se dê posteriormente, na comparação e no processamento de ambos. A segunda pressupõe que há um mecanismo de processamento comum e único para ambos os olhos e que, portanto, a estereopsia ocorra antes da análise de formas (PALMER, 1999, p. 212).

Estudos de Lumer (LUMER, 1998; LUMER, FRISTON & REES, 1998), Tong (1998, 2003, 2004) e colaboradores têm se valido da Medicina Nuclear, mais especificamente de recursos de Ressonância Magnética (fMRI e PET) para investigar os processos envolvidos nos efeitos de dominância e ou supressão da rivalidade binocular. Estes pesquisadores observaram que há alterações em atividades neuronais em regiões específicas do córtex, as quais correspondem às alternâncias perceptivas típicas da rivalidade binocular.

Na rivalidade binocular, dois estímulos e conteúdos distintos, cada um visto por um olho, mesmo que sincronizados afetam regiões neuronais primárias também distintas, sendo estas relacionadas especificamente ao estímulo (signo) dominante da vez. Contra isso, a escolha de um ou outro, que vem a ser o foco de atenção dominante por algum tempo, ativa zonas específicas, como as áreas frontal e parietal do córtex. Essas áreas são diretamente relacionadas às tarefas visuais que requerem rapidez, flexibilidade e interpretação de estímulos espaciais variáveis.

Já, segundo Rees (2003), há indicativos de um mecanismo central envolvido na escolha e na atenção, uma zona de processamento comum. Em pesquisa por ele realizada sobre a emergência de estados de consciência, a rivalidade binocular mostra que dois processos podem estar envolvidos na seleção, escolha e duração da experiência perceptiva.

Sua hipótese é que a atividade do córtex visual ventral está correlacionada ao conteúdo fenomenológico do estado de atenção e que, em contrapartida, as

atividades nos córtex frontal e parietal se apresentam quando emerge o estado de atenção de mudanças no estímulo visual – por exemplo, no processo de ligação perceptiva entre cor-movimento –, ou seja, em transições de estados perceptivos.

A partir destes estudos especula-se que o estado de atenção depende de uma rede neuronal distribuída que envolve atividades que correspondem a estímulos específicos (córtex visual ventral) quanto atividades que independem de estímulos (córtex frontoparietal dorsal).

O desafio presente é o de como, e se é possível, mapear a atividade fisiológica neuronal distribuída associada ao estado de atenção aos processos psicológicos nele envolvidos.

FICÇÕES EXPLICATIVAS

É certo que estudos sobre a fisiologia da visão e sobre os processos neurológicos implicados na rivalidade binocular não dão conta de explicar como a experiência se torna consciente, o que chama a atenção e como marca cada um. Por conta disso, é importante considerar as limitações de cada teoria e técnica e pensar em como várias delas podem contribuir na descrição integrada da emergência do estado de atenção e da consciência.

Não há, por exemplo, uma teoria única e universal verificável sobre o que seria o comportamento normal do “sentir-se bem, enxergando bem” ou sobre “enxergar em duplos e isolar-se”. Tampouco, há sobre os determinantes deste ou daquele comportamento, tais como contextos social, cultural, genético, entre outros.

Portanto, não existe uma linha de base, um padrão normal aplicável a todos com o qual se possa comparar alguns desvios que, a partir de certo nível, serem considerados patológicos. Como não há uma teoria verificável da etiologia de como se causa, instala e mantém o problema. Nesse sentido, devido à sub-determinação de hipóteses, diversas teorias podem se tornar igualmente plausíveis e coerentes.

Se a fisiologia da visão binocular e a atividade neurológica são mensuráveis espaço-temporalmente com o suporte de equipamentos de medição e visualização, a interpretação de dados e experiências, assim, como a subjetivação de processos e estímulos requerem ainda outros recursos. Até certo ponto, muito se trabalha com ficções explicativas que prevalecem, conforme as regras retóricas daquela cultura. Geralmente, essas são relacionadas à retórica científica.

De qualquer forma, o que difere uma boa teoria de outra, menos eficiente, é que a primeira deve ser capaz de gerar um modelo que explica, dinamicamente, tendências e contra-tendências em uma visão sistêmica multi-determinada. Isso

mantém uma plausibilidade em relação às áreas de conhecimento afins e é, igualmente, capaz de se renovar a partir de resultados parciais (tendências) improváveis e inesperadas.

DISTORÇÕES COGNITIVAS

Parto da hipótese de que uma experiência traumática é capaz de danificar a visão internamente, um dano de segunda ordem, interpretativo, incomensurável, visualizável ou detectável, mas capaz de comprometer tudo o que vem depois.

Após anos de exercícios e de visitas a diversos especialistas, finalmente apresentou-se uma solução definitiva: a cirurgia de correção do estrabismo. Diante de muitas considerações, cirurgião e pais decidiram otimizar o processo. Ou seja, operar ambas as vistas simultaneamente. Isso significaria que, na recuperação, eu ficaria vendada por uma semana.

Naquele período, a rotina da casa sofreria alguns ajustes. Eu mudaria de quarto provisoriamente, visto que normalmente compartilhava o quarto com minha irmã, onde dormia na cama de cima de um beliche. Naquela semana passaria a dormir no quarto ao lado, a biblioteca, que tempos antes havia sido adaptada para servir de quarto do meu irmão. Com esta mudança, eu precisaria criar um mapa mental tanto do quarto, quanto da distância deste para o banheiro.

A porta do quarto abria para dentro e para a direita, onde encostava na parede. Ao lado desta, havia a reprodução emoldurada de uma pintura famosa. À esquerda da porta, muito próxima dela, havia o pé da cama, que, em seu comprimento encostava na parede e cuja cabeceira ficava junto à parede externa, ao lado da janela. Do lado oposto ao da cama, uma estante de livros cobria toda a extensão da parede. Visto que não poderia desenhar e escrever durante a semana após a cirurgia, já antes, cerquei-me de apetrechos que facilitaríamos a passagem daquele período: uma vitrola portátil que ganhara no aniversário, discos, um rádio, alguns objetos.

Mesmo treinada e sabendo onde encontrar as coisas vendada, a experiência de voltar para casa, subir as escadas e, finalmente, chegar ao quarto e à cama, me causou um forte estranhamento. Como havia memorizado espaços e distâncias nas semanas anteriores, tinha a sensação que algo estava muito errado. Haviam me colocado em uma cama no meio do corredor de distribuição para os quartos do segundo andar e não no quarto. Calculei a distância entre o último degrau da escada, que dava no corredor, e o quarto em que ficaria. Era algo muito maior do que eu percorrera ao chegar do hospital. Isso fazia com que eu estivesse certa de encontrar-me deitada no meio do corredor e não no lugar previsto e imaginado.

Como não sabia formular e verbalizar as minhas dúvidas e certezas daquele momento, passei, não sei quantas, infundáveis horas daquele dia no entre-portas, entre-armários, entre quartos e banheiros do corredor. Apesar de tatear ao meu redor e reconhecer o rádio colocado dias antes no criado-mudo, ao lado da cama, nada me convencia de que estava no lugar certo, nem os ruídos da rua, as buzinas de carro, a janela ao lado da cama.

Havia uma evidente fenda entre as memórias de espaços e distâncias percorridos rotineiramente de olhos abertos e as distâncias e espaços percebidos com os mesmos pés, com a orientação pelo tato e pela audição, mas sem os olhos. Simplesmente não eram correspondentes. Os da memória (e visuais) eram mais verdadeiros e confiáveis do que os mais recentes.

Por mais que confirmassem que estava na mesma casa, no mesmo quarto, na mesma cama, o espaço ao qual, supostamente, havia retornado, estava transformado, distendido e ampliado. A quantidade de passos, antes calculada para chegar ao quarto, só bastava para a metade do caminho. Da mesma forma, a distância ao banheiro, pelas minhas estimativas, só me levaria à porta do armário do corredor.

A sensação de estar em outro lugar, do que o estimado e previsto, me atordoou até a hora em que meu pai chegou do trabalho. Depois de me cumprimentar, ele insistiu que pudessemos jantar todos juntos e que eu deveria descer. Saiu do quarto sem me ajudar, como se tivesse esquecido que eu estava vendada e não podia enxergar. Comecei, então, a percorrer a cama com os dedos até o pé da mesma, onde, logo ao lado, encontrei a porta. Tateando as paredes pela esquerda já sem contar passos, reconheci o vão correspondente à porta do outro quarto e segui até chegar à escada, localizada no fim do corredor. Desci e comecei a desvendar o resto da casa até chegar na sala de jantar.

VISÃO VIRGEM

A cegueira forçada amplia outras dimensões perceptivas, sensoriais e emocionais. Vi pela primeira vez ao tirar as vendas, a imagem deformada de uma jovem abalada pela tristeza. Emoldurada em madeira escura, a imagem oscilava entre dois ângulos: o primeiro era reto em relação ao piso, o segundo estava em quarenta e cinco graus em relação ao anterior. A oscilação perdurou durante alguns segundos, talvez dez ou doze, e se desfez.

Olhando ao redor, reconheci onde estava. Sentada na cama do quarto de meu irmão, fitava a parede oposta onde, desde sempre, pousava a reprodução emoldurada de uma pintura famosa de Picasso. Naquele dia de meus oito anos, vi-a, nitidamente, entre branco, preto, azul e cinza: uma mulher, cuja expressão

triste havia sido construída com precisão a partir da fragmentação geométrica em dois eixos, não coincidentes e divergentes, do olhar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LUMER, E.D. A neural model of binocular integration and rivalry based on the coordination of action-potential timing in primary visual cortex. In: *Cerebral Cortex*. Vol. 8, p. 553-561, 1998.

LUMER, FRISTON & REES. Neural correlates of perceptual rivalry in the human brain. In: *Science*, Vol. 280, p. 1930-1934, 1998.

PALMER, S. E. *Vision science: photons to phenomenology*. Cambridge, The MIT Press, 1999.

REES, G. Can philosophy discover consciousness in the Brain? In: *Journal of Consciousness Studies*, Vol. 8, p. 35-40, 2003. Disponível em: <http://www.fil.ion.ucl.ac.uk/~grees/publish.html>. Acessado em 15/05/05.

SCHIFFMAN, H. R. *Sensation and perception: an Integrated Approach*. Nova Iorque: John Wiley and Sons Inc., 2001.

TONG, F. Primary visual cortex and visual awareness. In: *Nature Reviews Neuroscience*, nº 4, p. 219-229, 2003. Disponível em: <http://www.psy.vanderbilt.edu/tonglab/publications.html>. Acessado em 15/05/05.

TONG, F. et al. Binocular rivalry and visual awareness in human extrastriate cortex. In: *Neuron*, vol. 21, p. 753-759, 1998. Disponível em: http://www.psy.vanderbilt.edu/tonglab/publications/Tong_neuron.1998.pdf. Acessado em 15/05/05.

TONG, F. e MENG. Can attention selectively bias bistable perception? Differences between binocular rivalry and ambiguous figures. In: *Journal of Vision*, nº 4, p. 539-51, 2004. Disponível em: http://www.psy.vanderbilt.edu/tonglab/publications/MengTong_JoV_2004.pdf. Acessado em 15/05/05.

Iconografia

Young Girl Struck by Sadness. 1939. Óleo sobre tela. Pablo Picasso.